

meses, Laurent Gbagbo se recusou a entregar a presidência ao candidato vencedor das eleições. Porém, em abril deste ano, uma operação conjunta entre a força francesa LICORNE e as forças da ONUCI conseguiu aprisioná-lo e restituir a ordem ao país, entregando, dessa forma, o poder ao presidente eleito Alassane Ouattara.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

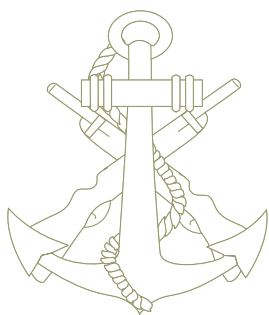
CÔTE D'IVOIRE. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org>>. Acesso em: 10 fev. 2011.

CHANNEL 06 NEWS. UN deplores use of force against demonstrators in Côte d'Ivoire, publicado em 22 fev 2011. Disponível em: <<http://channel6newsonline.com>>. Acesso em: 23 mar. 2011.

IVORIAN CIVIL WAR. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org>>. Acesso em: 10 fev. 2011.

HUMAN DEVELOPMENT REPORT. Relatório da ONU Sobre Desenvolvimento Humano 2010. Disponível em: <<http://hdr.undp.org>>. Acesso em: 14 mar. 2011.

OPERACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS EN CÔTE D'IVOIRE CÔTE D'IVOIRE – ONUCI. Hechos y cifras. Disponível em: <<http://www.un.org/spanish/Depts/dpko/unoci/>>. Acesso em: 10 fev. 2011.



CC(FN) Marcio Pragana Patriota  
[pragana@cmfn.mar.mil.br](mailto:pragana@cmfn.mar.mil.br)

## Nacionalização *versus* Estado da Arte

Em 19 de março de 2011, a mídia internacional noticiou a intervenção militar na Líbia, respaldada pela Resolução 1973/11 do Conselho de Segurança das Nações Unidas (ONU), por meio da qual os Estados Unidos da América (EUA), França e Inglaterra, dentre outros países, iniciavam o estabelecimento de uma zona de exclusão aérea sobre território líbio, a fim de proteger a população civil daquele país. Segundo a mídia, o primeiro passo das forças da ONU teria sido o lançamento de 110 mísseis Tomahawk, com o intuito de neutralizar, pelo menos, 20 alvos selecionados dentre o sistema de defesa antiaéreo da Líbia. No dia seguinte, noticiava-se o sucesso e a continuidade das operações.

A Resolução 1973/11 da ONU foi assinada em 17 de março de 2011. Portanto, no período de dois dias, os meios militares de países membros dessa organização iniciaram suas ações. Certamente, o planejamento das mesmas foi iniciado antes de 17 de março, mas nada poderia ter sido levado adiante se esses países não possuíssem meios prontos para uso e com tecnologia adequada para fazer frente às forças líbias. Como se pôde constatar, por

meio da internet e dos jornais, alguns desses países, ou a maioria deles, utilizaram meios produzidos pelas suas próprias indústrias nacionais, e no estado da arte, ou seja, com tecnologia de ponta.

Sendo membro das Nações Unidas e pleiteando um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU, teria o Brasil a capacidade de atender a uma resolução como a acima mencionada? Certamente, nossa realidade é muito diferente daquela existente nos EUA ou na Inglaterra. Somos um país pacífico em que, muitas vezes, a população não possui a exata noção do quanto é importante manter suas forças armadas adequadamente preparadas. Além disso, o fantasma dos cortes orçamentários ronda, de forma insistente, os cofres federais, refletindo, de forma comprometedor, na verba destinada aos investimentos em tecnologia ou aquisição de modernos meios militares.

Em meio a isso, a Marinha do Brasil (MB), conforme previsto na Estratégia Nacional de Defesa, deverá possuir meios de Fuzileiros Navais em permanente condição de pronto emprego, a fim de assegurar sua capacidade de projeção de poder.



Figura 1 - A utilização de modernos meios militares permitiu a pronta resposta pela ONU.  
Fonte: TIM, 2011.



Figura 2 – Obuseiro 155mm em uso pelo CFN: capacidade adequada de prover apoio de fogo aos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais do século XXI?  
Fonte: Mundo da Defesa Militar, 2011.

Para atingir o ideal descrito no parágrafo anterior, o Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) deve possuir todos os meios necessários (viaturas, armamentos, equipagens, etc), sejam esses meios adquiridos no exterior ou produzidos no Brasil, havendo quem defenda uma ou outra alternativa. O debate entre adquirir um meio no estado da arte fora do Brasil ou nacionalizar a produção desse meio divide as opiniões e pode levar a um considerável prejuízo na prontificação das Forças.

A nacionalização de meios permitiria fornecer os meios adequados às Forças Armadas sem depender de tecnologias ou condicionantes estrangeiras, favorecendo a produção em quantidade favorável ao país, gerando empregos e, possivelmente, permitindo que as indústrias nacionais disputassem vagas no mercado internacional. Além disso, a disponibilidade de sobressalentes estaria condicionada à existência do meio nas fileiras militares, já que compras periódicas pelas Forças Armadas estimulariam a indústria a manter sua produção. Entretanto, a produção de um meio militar depende de considerável investimento em pesquisas tecnológicas e estabelecimento de indústrias próprias, além do tempo consumido nessas pesquisas e na operacionalização do meio. Por sua vez, as indústrias bélicas só se tornam viáveis caso consigam manter um fluxo de vendas, correndo o risco de fecharem suas portas se isso não ocorrer, a exemplo do que aconteceu com a ENGESA, indústria que desenvolveu o carro de combate EE-T1 Osório, um carro de combate brasileiro no estado da arte na década de 80. Seria a nacionalização de meios uma solução para o CFN?

Já a aquisição de meios no estado da arte permite, em espaço de tempo relativamente curto, manter a Força com meios adequados para a permanente condição de pronto emprego. Nessa linha de pensamento, ao invés de alocar verbas para pesquisa e desenvolvimento de meios nacionais, buscar-se-ia o que há de melhor no mercado internacional e, dentro das possibilidades, a compra dos meios seria executada junto a empresas de outros países. Entretanto, os aspectos negativos desse tipo de compra são a dependência externa, a não colaboração com a indústria nacional, a não geração de empregos, o risco de que o meio saia de linha (o que encerra a possibilidade de adquirir novas peças sobressalentes) e as condicionantes políticas. Como exemplo desse tipo de condicionante, basta lembrar os caças F-14 vendidos pelos EUA ao Irã antes da Revolução Islâmica naquele país. Após Aiatolá Khomeini assumir o poder iraniano em 1979, os EUA se recusaram a fornecer sobressalentes para essas aeronaves, dificultando sobremaneira sua utilização. Além disso, o material estrangeiro, via de regra, já é oferecido com determinadas características técnicas que nem sempre são as ideais para nossa realidade.

Há uma terceira linha de pensamento que permite mesclar as duas formas já descritas. Em um primeiro momento, o meio é obtido junto a empresas estrangeiras, em quantidade



Figura 3 – Carro de Combate EE-T1 Osório, expoente da tecnologia bélica brasileira na década de 1980. Fonte: Forças Terrestres, 2011.

reduzida, para testes. Após a obtenção, esse meio passaria por estudos visando entender, aprender como tal equipamento funciona e como foi produzido, obviamente desde que não seja ferido nenhum aspecto legal. Em um terceiro passo, após obter uma noção aprofundada sobre o funcionamento do meio e sua produção, um novo projeto seria elaborado, visando aperfeiçoar o meio obtido no estrangeiro, a fim de produzir, em indústrias nacionais, um novo meio, aperfeiçoado. Apesar disso, também há aspectos negativos nessa forma de produção, destacando-se os aspectos legais, a necessidade de orçamento para pesquisas tecnológicas e testes de material, o tempo despendido no desenvolvimento e operacionalização do meio e a incógnita sobre vendas futuras da empresa que produzir esse meio.

Dentre o exposto, qual seria a melhor maneira da MB manter o CFN com suas Unidades equipadas, visando a permanente condição de pronto emprego? Por exemplo, ao se refletir sobre a substituição de um calibre de artilharia, ou sobre a substituição de uma viatura ou de um radar de vigilância, vale mais aguardar um desenvolvimento nacional, com todos os riscos inerentes ao comprometimento da permanente condição de pronto emprego, ou obter os meios em indústrias estrangeiras, com todas as condicionantes já descritas? Nacionalizar ou adquirir um meio no estado da arte?



Figura 4 – Sistema ASTROS II, desenvolvido e produzido pela indústria nacional. Fonte: Avibras, 2011.

A resposta, que fica a critério dos leitores, certamente não será unânime. Entretanto, preparar os meios bélicos em tempo de paz não é assunto novo, com riscos ao comprometimento da própria soberania nacional. Cabe aos escalões competentes estudar seriamente a questão, decidir sobre o futuro e lutar pelos recursos necessários a fim de manter as Forças Armadas prontas para fazer frente aos desafios que virão. Não houve, até hoje, nenhuma grande nação que não se respaldasse em Forças Armadas bem equipadas, adestradas e, conseqüentemente, respeitadas. Somos donos de grande quantidade de recursos naturais. A exploração do petróleo da camada do pré-sal promete consideráveis retornos financeiros e oportunidades econômicas. Logo, as Forças Armadas, e particularmente o CFN, devem estar à altura de seu compromisso com o Brasil. Afinal, somos ou não somos o país do futuro?

Nota: Sugestões sobre o tema proposto poderão ser encaminhadas ao Centro de Estudos do CFN para apreciação. Caixa postal: ancorasefuzis@gmail.com.

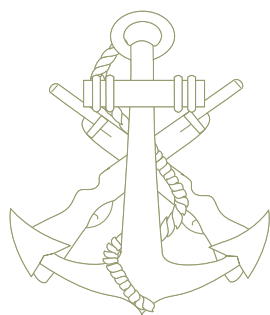
#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVIBRAS. Disponível em: <<http://www.avibras.com.br>>. Acesso em: 27 abr. 2011.

FORÇAS TERRESTRES. EE-T1 Osório – segunda parte. Disponível em: <<http://www.forte.jor.br/tag/osorio/>>. Acesso em: 27 abr. 2011.

MUNDO DA DEFESA MILITAR. Disponível em: <<http://altocomandomilitar.blogspot.com/2010/09/obuseiro-de-105mm-e-155mm.html>>. Acesso em: 27 abr. 2011.

TIM: autenticamente diferente. Rússia lamenta intervenção estrangeira na Líbia. Disponível em: <<http://www.tim.co.mz/por/Noticias/Internacional/Russia-lamenta-intervencao-estrangeira-na-Libia>>. Acesso em: 27 abr. 2011.



CC (FN) Alexandre Arthur Cavalcanti Simioni  
[simioni@ciasc.mar.mil.br](mailto:simioni@ciasc.mar.mil.br)

## O Centro de Lições Aprendidas do USMC: um modelo a ser seguido pelo CFN?



O *MARINE CORPS CENTER FOR LESSONS LEARNED* (Centro de Lições Aprendidas) foi formalmente criado em julho de 2004, estando suas instalações localizadas em Quântico, Estado da Virgínia, Estados Unidos da América.

O presente artigo tem o propósito de apresentar a estrutura, organização e os procedimentos empregados pelo Centro de Lições Aprendidas do *United States Marine Corps* (USMC) no planejamento e execução do processo de Coleta, Análise e Publicação de uma Lição Aprendida. Não obstante, apresentar-se-á uma proposta de alteração da atual organização do Departamento de Pesquisa e Lições Aprendidas do Centro de Estudos do Corpo de Fuzileiros Navais, de forma a torná-lo mais eficiente e eficaz na produção e disseminação de Lições Aprendidas no âmbito do CFN<sup>1</sup>.

### Missão do Centro de Lições Aprendidas do USMC (MCCLL)

Coletar e analisar as informações sobre “lições aprendidas” de forma a produzir, publicar e disseminar os relatórios e recomendações para apoiar o *United States Marine Corps* (USMC) em todos os níveis (Alto Comando, Unidades ou individualmente).

### Características

O MCCLL tem seu foco na Tática, Técnicas e Procedimentos (TTP) de importância imediata para as Forças Operativas. Ademais, o Centro tem ainda como propósito identificar os “claros” e/ou apresentar propostas na atualização da doutrina e nas próprias TTP em vigor, levando-se em consideração os seguintes pilares do desenvolvimento de combate, de acordo com a doutrina do USMC: Doutrina, Organização, Treinamento, Material, Liderança e Educação, Pessoal e Instalações (DOTMLPF).

Considera-se como premissa que o processo de coleta de Lições Aprendidas não deve ter, em hipótese alguma, o caráter de inspeção, avaliação ou corresponder a Lista de Verificação de Desempenho das Unidades.

O USMC considera que qualquer indicação de que o processo de coleta possa ser utilizado para avaliar o desempenho de Unidades, militares ou equipamentos poderá comprometer toda a iniciativa de aperfeiçoamento operacional, pois o sucesso de um sistema de lições aprendidas eficiente baseia-se na transparência (verdade) em todo o ciclo do processo para obtenção das informações e dos resultados atingidos.

<sup>1</sup> Parte das informações contidas neste artigo foram prestadas pelo CF (FN) Guimarães, oficial de ligação do CFN no USMC.